

MASSAS VIRTUAIS E SUA CONSTITUIÇÃO. Funeral como espetáculo midiático mundial: as imagens da morte de Elizabeth II¹

Norval Baitello Júnior²
Nísia Martins do Rosário³

Resumo: A proposta do artigo é apresentar uma abordagem da constituição de massas virtuais na atualidade por meio da espetacularização, disseminação e multiplicação de imagens de determinados acontecimentos. O recorte escolhido foi o funeral da rainha Elizabeth II que faleceu em setembro de 2022 e se configurou como o evento com maior audiência no planeta em todos os tempos. A partir do pensamento de Harry Pross e Dietmar Kamper, principalmente, o texto trata do poder de inserção, absorção e perpetuação das imagens; a metarritualização midiática pela criação do espetáculo e pela produção simbólica; a morte e a realeza como imagens simbólicas potentes; e, finalmente, ponderamos sobre os mega eventos midiáticos e sua capacidade de produzir massas virtuais.

Palavras-chave: imagem1; funeral da rainha Elizabeth II1; massas virtuais 3.

Abstract: In this paper, we shall present an approach to the constitution of current virtual masses through the spectacularization, dissemination and multiplication of images of certain events. The chosen sample was the funeral of Queen Elizabeth II, who died in September 2022, and was the event with the highest audience on the planet at all times. Based on the thinking developed by Harry Pross and Dietmar Kamper, the paper deals with the power of insertion, absorption and perpetuation of images; mediatic meta-ritualization through the creation of the spectacle and symbolic production; death and royalty as potent symbolic images; and, finally, we consider mega media events and their ability to produce virtual masses.

Keywords: image 1; funeral of Queen Elizabeth I 2; virtual masses 3.

1. O espetáculo

Como água, gás e corrente elétrica chegam em nossas moradias para nos servir, vindas de longe, com um toque de mão quase imperceptível, assim seremos servidos com imagens ou sequências sonoras que se ligam com um toque e igualmente nos deixam de novo. (VALERY apud BENJAMIN, 1980, p. 475).⁴

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do 32º Encontro Anual da Compós. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 03 a 07 de julho de 2023.

² Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor, pesquisador PQ 1 do CNPq. E-mail: norvalbaitello@puccsp.br.

³ Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora, pesquisadora PQ 2 CNPq. E-mail: nisiamartins@gmail.com

⁴ “Wie Wasser, Gas und elektrischer Strom von weither auf einen fast unmerklichen Handgriff hin in unsere Wohnungen kommen, um uns zu bedienen, so werden wir mit Bildern oder mit Tonfolgen versehen werden, die sich, auf einen kleinen Griff, fast ein Zeichen einstellen und uns ebenso wieder verlassen”. (VALERY apud BENJAMIN, 1980, p.475)

No dia 08 de setembro de 2022, os canais oficiais da realeza britânica anunciaram o falecimento da rainha Elizabeth II, aos 96 anos, no castelo de Balmoral, na Escócia, onde ela passava os verões e, naquele ano, se abrigou com a saúde debilitada. Dois dias antes de sua morte, a soberana do Reino Unido⁵ e de outros 14 países, ainda recebeu a primeira-ministra, Liz Truss, para dar-lhe posse, foi seu último ato oficial. A mídia, que sempre acompanhou a monarquia britânica, entrou em erupção com esse acontecimento. Desde o dia do óbito até depois de 19 de setembro, quando ocorreu o sepultamento, jornais, revistas, portais de notícias, emissoras de televisão, blogs, redes sociais explodiram com notícias, opiniões, cobertura ao vivo, fofocas e informações detalhadas da família real. Não foi um espetáculo midiático qualquer, foi, isso sim, O ESPETÁCULO MIDIÁTICO. As tecnologias permitiram que o evento fosse acompanhado por mais de quatro bilhões de pessoas em todo mundo, com transmissão pela televisão e pela internet, por meio dos canais BBC One, BBC Two, ITV, BBC News e Sky News. Foi o acontecimento de maior audiência em todos os tempos.

Isso significa que quase metade dos habitantes do planeta Terra⁶ acompanharam audiovisualmente o funeral da rainha Elizabeth II nos cinco continentes. Claro que a cobertura jornalística, os depoimentos, as homenagens e os comentários midiáticos são procedimentos relativamente comuns quando morrem autoridades de estado e grandes celebridades⁷, contudo, a proliferação de notícia, retransmissões, juntamente com a multiplicação de memes, comentários, opiniões e posições foram um tanto assustadoras no caso da morte da monarca britânica. Segundo o site de entretenimento Tangerina⁸, o Instituto Overnights.TV⁹ divulgou que, só no Reino Unido, mais de 37,5 milhões de espectadores¹⁰ acompanharam, pelo menos,

⁵ Elizabeth II tornou-se rainha aos 25 anos; aos 21 anos casou com o príncipe Philip, o qual morreu aos 99 anos, durante a pandemia.

⁶ Os cálculos de especialistas apontam que, em novembro de 2022, o número de habitantes do planeta ultrapassava os 8 bilhões. Disponível em <https://www.terra.com.br/economia/terra-chega-a-8-bilhoes-de-habitantes-quantas-pessoas-o-planeta-aguenta.eb4496b7bef5090e13c09eb5f1a0e36am5ydrxd1.html>. Acesso em janeiro, 2023.

⁷ Pode-se considerar a morte do ex-Papa Bento XVI e do rei do futebol, Pelé, no final de dezembro de 2022.

⁸ Disponível em: <https://tangerina.uol.com.br/mix/funeral-rainha-recorde-audiencia-prejuizo/>. Acesso em outubro de 2022.

⁹ Ferramenta *online* mais popular para análise das classificações de televisão do Reino Unido.

¹⁰ O site Tangerina conta que o funeral da princesa Diana foi assistido por 32,1 milhões de pessoas no Reino Unido, porém apenas dois canais fizeram a transmissão, enquanto a despedida da rainha Elizabeth II contou com 5 canais. Já o *Media Talk* informou que “A empresa de pesquisas alemã Statista fez um gráfico mostrando que o funeral da rainha desbancou da primeira posição, com uma margem de 500 milhões de espectadores, o recorde anterior da abertura das Olimpíadas de Atlanta, que persistia desde 1996”. Disponível em: <https://mediatalks.uol.com.br/2022/09/19/veja-os-numeros-de-audiencia-e-os-custos-do-funeral-da-rainha-elizabeth/>. Acesso em outubro de 2022.

3 minutos da transmissão e as emissoras não exibiram intervalos comerciais em função de um acordo com o palácio de Buckingham. Além disso, no Reino Unido, a cadeia de cinema Vue manteve as cerca de 125 salas abertas para a transmissão ao vivo do funeral, mas também foram instalados telões para a exibição da cerimônia em parques, praças e catedrais. A rede de pubs Greene King, com 2700 bares, esteve aberta no dia 12 de setembro para, junto com a comunidade, celebrar a vida da rainha. Finalmente, os números apontam para a participação presencial nos eventos de mais de dois milhões de pessoas.

Os custos de todo o funeral para os cofres públicos do Reino Unido não foram divulgados pelo governo, mas as estimativas giram em torno de 8 milhões de libras, o que equivale a cerca de 47 milhões de reais¹¹. Deve-se considerar, também, que as pessoas que compareceram presencialmente às cerimônias (desde chefes de estado até turistas), movimentaram a economia inglesa com deslocamento, alimentação, hospedagem, souvenirs, entre outros. As emissoras que transmitiram o funeral reuniram a maior audiência ao vivo já vista e, com isso, constituíram a maior massa virtual já vista no planeta.

A monarquia é o regime de governo de apenas cerca de 42 países dos 193 reconhecidos pela ONU¹². Por outro lado, o imaginário sobre reis, rainhas, princesas e príncipes (encantados) ainda está presente, não apenas em nossos dias, alimentado pela mídia – basta ver as animações de princesas da Disney¹³, a série *The Crown* premiada com o Globo de Ouro – melhor série (drama) em 2020, ou a série *Game of Thrones* eleita a melhor série do século XXI¹⁴ – como parte da cultura e da quimera humana, presentes também na mídia secundária (livros, panfletos, impressos em geral) e nas narrativas e histórias seculares.

As reflexões derivadas dessas considerações, facilmente permitem concluir que o fenômeno aqui estudado não comunica apenas a morte de uma monarca de 96 anos, que governou por 70 anos, mas ele grita outros temas: mídia, poder, economia, política, cultura e

¹¹ Disponível em: <https://qz.com/how-much-will-the-queens-funeral-cost-1849538634/>; <https://br.financas.yahoo.com/noticias/funeral-da-rainha-elizabeth-2-e-o-mais-carro-da-historia-185641903.html>; <https://mediatalks.uol.com.br/2022/09/19/veja-os-numeros-de-audiencia-e-os-custos-do-funeral-da-rainha-elizabeth/>. Acesso em outubro de 2022.

¹² O site Brasil Escola da UOL refere 44 países com regime de monarquia (<https://brasilecola.uol.com.br/>) e reportagem da CNN fala em 42 (<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/saiba-quais-paises-ainda-tem-monarquias-em-vigor/>). Quanto ao número de países no mundo, outras contagens (que não a da ONU) chegam 206 países. Não se pode apontar um número exato tendo em vista que os países alteram suas fronteiras, passam por guerras, entre outras condições adversas. A ONU, por outro lado, não inclui na sua lista Taiwan e Kosovo; Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte não são considerados países porque fazem parte do Reino Unido.

¹³ Por exemplo: Branca de Neve, Cinderela, Bela Adormecida, A pequena sereia, Rapunzel, Merida, Jasmine, entre outras. A história dessas princesas também lucrou com outros filmes de circulação mundial.

¹⁴ O título veio de uma votação popular feita em 2020 pela revista *Digital Spy*.

religião. Um fenômeno que, sem dúvida, merece ponderações vindas dos ambientes da comunicação e da cultura. Apesar da variedade de abordagens possíveis, neste artigo trataremos, principalmente, de quatro aspectos que nos pareceram relevantes: o poder da multiplicação, inserção, absorção e perpetuação das imagens; a metarritualização midiática pela criação do espetáculo e pela produção simbólica; a morte e a realeza como imagens simbólicas potentes; e, finalmente, ponderamos sobre os mega eventos midiáticos e sua capacidade de produzir massas virtuais.

2. Imagem, devorações e roubo do tempo de vida

Quando se fala de um espetáculo de proporções midiáticas tão pujante como o funeral da rainha Elizabeth II, antes de mais nada, é preciso ponderar sobre o poder das imagens para a difusão, transmissão, divulgação, circulação e legitimação de acontecimentos como o que estamos tratando aqui. Há um poder eficaz nas imagens¹⁵ associado à sua onipresença. Ancorados no conceito de *Pathosformel* de Aby Warburg, podemos afirmar que “as imagens exercem esse poder sobre as pessoas desde suas primeiras manifestações de registros sobre suportes perenes ou efêmeros, criando ou modificando ambientes ou atmosferas (semiosferas e noosferas)” (BAITELLO, 2017, p. 55). Assim, por meio dos aparatos técnico-tecnológicos, as imagens permeiam todos os espaços e esferas, diuturnamente, mas, igualmente, invadem nossos corpos e nossos outros habitats. Dietmar Kamper (1994) formula o problema como “quiasma corpo-imagem”, ou seja, o cruzamento de corpo que quer mudar de natureza, deseja tornar-se imagem e de imagens que se apresentam como corpos.

A recuperação etimológica da palavra “imagem” oferece um vislumbre de diferentes sentidos que a atravessam, um deles é a sua origem latina – “*imago*, com o sentido de retrato de um morto” (Cf. Debray, 1994). Também Hans Belting (1936-2023) desenvolve sua Ciência da Imagem (*Bildwissenschaft*) em torno da natureza paradoxal da imagem, a “presença de uma ausência”, tendo em vista que coloca sobre um suporte algo que não está ali efetivamente, é apenas a reprodução de seu registro. Ou seja, as imagens substituem uma falta, como afirma Kamper (2002) e, nesse sentido, conseguem fazer perdurar aquilo que não está mais ali, conectando-se a um *continuum* infinito de existência. De um ponto de vista antropológico, a

¹⁵ Importante lembrar que a imagem deve ser entendida não apenas como manifestação visual, mas sonora, olfativa, tátil, gustativa e proprioceptiva, concretizando-se em cores, formas, escrita, som, figuras, música, fotografias, audiovisual, escultura, odores, sabores etc.

imagem pode ser entendida como uma estratégia de enfrentamento da finitude e do desconhecido que visa tatear a eternidade que o humano não pode experimentar.

Contra o medo da morte os homens só têm a possibilidade de fazer uma imagem dela. Por isso às imagens se prendem aos desejos de imortalidade. Por isso a órbita do imaginário é regida sobre o “eterno”, e por isso os homens sofrem hoje o destino de já serem mortos em vida (KAMPER, 2002, p.9).

Por essa perspectiva, é possível afirmar que o corpo colocado em imagens se torna imortal pelo poder que elas têm de “estar no lugar de” e pelo realismo que atribuímos a elas no passado e que ainda se impõe nos dias atuais. Tal imaginário contribui para refletirmos sobre o funeral da rainha britânica considerando o papel desempenhado por fotografias, vídeos, figuras, escritos, podcasts etc., os quais, mais que anunciar sua morte, reforçam a memorização de um regime de estado e dos países a ele subordinados, bem como oferecem elementos para a extensão da vida da monarquia. Para Warburg, a imagem é a manifestação de um “pós-vida” (*Nachleben*), a evocação de uma continuidade, o que por si só se configura como uma tática de arrebatamento com inegável poder sobre os seres humanos.

A captura da vida pelas imagens potencializa as vivências e as articula com a simulação e o simulacro (BAUDRILLARD, 1991 e 1996). É nesse ponto que a mídia fortalece a importância da aparência, da encenação e da construção do espetáculo em função de suas demandas estéticas e morais. Daniel Boorstin (2012) já o alertava nos anos 60, chamando de “pseudo-eventos”¹⁶ a criação de impactos hipertrofiados por meio da mídia. Umberto Eco

¹⁶ Boorstin define os pseudo-eventos por 8 traços especiais:

“(1) Pseudo-events are more dramatic. A television debate between candidates can be planned to be more suspenseful (for example, by reserving questions which are then popped suddenly) than a casual encounter or consecutive formal speeches planned by each separately.

(2) Pseudo-events, being planned for dissemination, are easier to disseminate and to make vivid. Participants are selected for their newsworthy and dramatic interest.

(3) Pseudo-events can be repeated at will, and thus their impression can be re-enforced.

(4) Pseudo-events cost money to create; hence somebody has an interest in disseminating, magnifying, advertising and extolling them as events worth watching or worth believing. They are therefore advertised in advance, and rerun in order to get money’s worth.

(5) Pseudo-events, being planned for intelligibility, are more intelligible and hence more reassuring. Even if we cannot discuss intelligently the qualifications of the candidates on the complicated issues, we can at least judge the effectiveness of a television performance. How comforting to have some political matter we can grasp!

(6) Pseudo-events are more sociable, more conversable, and more convenient to witness. Their occurrence is planned for our convenience. The Sunday newspaper appears when we have a lazy morning for it. Television programs appear when we are ready with our glass of beer. (...)

(7) Knowledge of pseudo-events – of what has been reported, or what has been staged, and how – becomes the test of being “informed”. News magazines provide us regularly with quiz questions concerning not what was happened but concerning “names in the news” - what has been reported in the news magazines. Pseudo-events begin to provide that “common discourse”(...)

(1984), ao escrever sobre a “neotevê” na década de 1980, afirmava que os eventos – acontecimentos da vida real – estão cada vez menos independentes das mídias, tendo em vista que o olhar midiático tem uma plástica própria que exige encenação, mesmo quando se trata de informação. O autor, inclusive, cita o casamento do príncipe Charles com Diana, em 1981, entendendo-o como um evento concebido para a televisão:

Estava absolutamente claro que tudo aquilo que acontecia de Buckingham Palace até a Catedral Saint Paul fora ensaiado para a televisão. O cerimonial excluía as cores inaceitáveis, os costureiros e as revistas de moda haviam sugerido cenas em torno das cores pastel, de maneira que tudo respirasse, cromaticamente, não apenas um ar de primavera, mas um ar de primavera televisiva (ECO, 1984, p. 198).

Ao analisar o casamento, o pensador italiano observa também que o vestido da noiva (muito rodado, dificultando inclusive a aproximação do noivo) foi concebido para ser visto de cima, e só as câmeras podem realizar esse olhar. Também constata que até o esterco dos cavalos que participaram da cerimônia ficaram dentro dos tons pastéis, sem chamar a atenção no enquadramento imagético. “Os cavalos da realeza tinham sido tratados durante uma semana inteira com pílulas especiais, de tal modo que seu esterco ficasse com uma cor telegênica” (ECO, 1984, p. 199). Considerando o uso de cavalos no cortejo fúnebre de Elizabeth II – parte do protocolo do *Royal Ceremonial Funeral* –, pode-se deduzir que o mesmo aconteceu com os animais que levavam a carruagem onde estava o caixão da soberana: a busca de uma “cor telegênica” e, possivelmente, um odor igualmente neutralizado ou “palatalizado” para os partícipes do ritual presencial.

Ainda que o palácio de Buckingham não tenha divulgado isso, é certo afirmar que todo o funeral da rainha, retransmitido pela televisão e pela internet (ao vivo), passou por um estudo técnico-midiático minucioso de como apresentá-lo aos espectadores eliminando, ao máximo, tudo aquilo que saísse do protocolo e/ou pudesse borrar os rituais palacianos e midiáticos. As tantas câmeras espalhadas pelas ruas da Escócia e da Inglaterra, bem como pelas abadia de Westminster, catedral de St. Giles, capela de São Jorge, salão de Westminster e portões do Palácio de Buckingham não capturaram imagens aleatoriamente. Ângulos, planos, enquadramentos, movimentos de câmera e cortes foram escolhidos e produzidos cuidadosamente para esse espetáculo, megaevento. Essa atenção na captura e transmissão de

(8) Finally, pseudo-events spawn other pseudo-events in geometric progression. They dominate our consciousness simply because there are more of them, and ever more.” (Boorstin, 2012:39-40).

imagens é o que permitiu, também, que a imprensa e outros produtores de conteúdo explorassem tanto, por exemplo, as lágrimas derramadas por Meghan Markle¹⁷, esposa do príncipe Harry, durante a cerimônia. A transmissão ao vivo permitiu, igualmente, que ficasse registrado, durante o velório público, o momento em que um dos guardas reais teve um mal-estar e caiu ao chão. Pequenos detalhes imprevisíveis do espetáculo, similares aos citados, viralizaram, tornaram-se notícia, foram alvo de comentários em sites de fofocas, foram explorados por todo tipo de produtor de conteúdo como um acontecimento.

Por conseguinte, a morte da rainha, quando midiaticizada, torna-se um exemplo claro de evento eminentemente midiático, basta dizer que uma procura em buscadores por *death of the Queen Elizabeth II* leva facilmente a mais de 70 milhões de resultados¹⁸. Estamos na era de uma dependência obsessiva por imagens – muitas vezes entendidas erradamente como informação. O consumidor compulsivo de imagens opera da mesma forma de quem sofre de compulsão alimentar, ingere tudo o que estiver ao seu alcance, rapidamente, sem critério e em grande quantidade, a ponto de não se dar conta de quanto tempo passou na frente das telas. Aqui fica evidente que ocorre uma ação inversa: de “devoradores de imagens” passamos a ser devorados por elas¹⁹, que se apropriam de nosso tempo de vida. Neste ponto é o teórico da mídia Harry Pross (1980, 1989) quem contribui para que se entenda este mecanismo, por ele denominado “Economia do sinal”.

Minha tese da ‘economia do sinal’ diz o seguinte: primeiro: a dominação começa com a colonização do tempo de vida de outros seres humanos. Os proprietários da mídia têm, em última análise, o poder sobre o tempo de vida de outros. Tempo de vida é insubstituível, porque é tempo de vida orgânica, tempo de vida biológico, ele se esgota irreversivelmente. Quem pode se apoderar do tempo de outros tem poder. Crianças pequenas têm poder sobre seus pais, professores têm grande poder porque ocupam o tempo de vida de 30 crianças naquela hora, quer dizer, eles ocupam 30 horas. A mídia de massa ocupa 3 ou 30 milhões de horas de tempo de vida em uma hora de transmissão. Isto se reflete naturalmente na sua conta. (PROSS apud KLENK, 1998, p.108/109, tradução nossa).²⁰

¹⁷ Uma busca no google por “choro de Meghan no funeral da rainha Elizabeth II” levou a um resultado de aproximadamente 42 mil links.

¹⁸ Simulação feita em 02/02/2023 no Google.

¹⁹ Norval Baitello Júnior desenvolve essa reflexão em **A era da Iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005 e em **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

²⁰ “Meine These von der Signalökonomie besagt folgendes: Erstens: die Herrschaft beginnt mit der Kolonisierung von Lebenszeit anderer Menschen. Die Medienbesitzer haben letztlich Macht über die Lebenszeit anderer. Lebenszeit is unersetzlich, weil es organische Lebenszeit ist, biologische Lebenszeit, die läuft unwiederbringlich ab. Wer sich der Zeit anderer bemächtigen kann, hat Macht. Kleine Kinder haben Macht über ihre Eltern, Lehrer haben grosse Macht, weil sie die Lebenszeit von 30 Kindern in dieser einen Stunde besetzen, d.h. sie besetzen 30 Stunden. Die Massenmedien besetzen manchmal 3 oder 30 Millionen Lebenszeitstunden in einer Sendestunde. Das schlägt natürlich auf ihrem Konto zu Buche. (Pross apud Klenk, 1998, p. 108/109).

Tal tempo de vida é um recurso não renovável e, apropriado pela mídia, é transformado em mercadoria e vendido. A era da reprodutibilidade técnica potencializou esse cenário gerando o excessivo, o descontrole, alimentando uma poderosa indústria mundial.

3. Metarritualização midiática

A sociedade ocidental opera sobre o que Pross (1980 e 1989) chama de um conjunto de “signos indicadores” que, a partir da “capacidade designadora” dos humanos, fabrica ordenamento, regulação, acessibilidade, proximidade, distanciamento – sendo manipulados por uma minoria de especialistas. A mídia, grande produtora de imagens, opera, fundamentalmente, com os signos indicadores básicos, tendo em vista homogeneizar e padronizar suas formas de comunicação para facilitar os processos de semiose de seus públicos. Ao mesmo tempo que oferece segurança por meio do fácil reconhecimento de suas mensagens, produz ingerência sobre as interpretações. O autor observa que o acúmulo de uma provisão de signos prescritos e reconhecíveis, consolidados pela repetibilidade e envolvidos em relações contraditórias, estabiliza o social gerando convenções. Essa estabilização, todavia, impede a renovação, a criação e a contradição, estreitando a capacidade interpretante do sujeito. Pode-se dizer com Pross, então, que esse processo é gerador de violência simbólica.

Se concordarmos que um traço evidente da mídia se configura na criação do espetáculo – perspectiva já explorada por Debord (1997), Ferrez (1998), Sodré (2015) entre outros –, mesmo quando o objetivo é informar, é possível sustentar que esse é, também, o caminho pelo qual se dá, com mais impacto, a aderência do público. Dessa maneira, entre os interesses do mercado e os interesses do público são constituídas e repetidas representações consensuais e produtos que se organizam pela via do show de entretenimento. Tais representações estão de acordo com o que Pross (1980 e 1989) infere sobre os processos de comunicação midiáticos: neles são essenciais a repetição e a ritualização porque geram integração e homogeneidade. Isto é, as repetições consolidam a ordem e, assim, a comunicação ritualizada encontra, na ordem subjetiva, os elementos para a sua organização, só que nesse processo os signos verbais são insuficientes e, dessa forma, emergem os símbolos.

Pross afirma que os efeitos emocionais são os mais persistentes na mídia – e não a percepção racional –, especificando que a câmera é uma reprodutora da subjetividade de quem produz e do seu treinamento profissional. Além disso, a potencialidade dos meios eletrônicos está na sua capacidade de dissolver as fronteiras entre o externo e o interno, o que, no caso estudado, leva à impressão de que estamos acompanhando de perto todo o funeral da rainha Elizabeth II. Com Ferrés (1998) podemos complementar essa reflexão, pois o autor defende que a falsa crença de que a racionalidade é o elemento articulador dos processos comunicacionais torna o espectador mais vulnerável, visto que, no domínio da imagem e do espetáculo, a subjetividade é preponderante, constituindo-se num elemento mobilizador.

Desse modo, a produção simbólica e os efeitos ritualizadores da mídia configuram “supersímbolos” uma vez que o “seu ritualismo condensa as tradições culturais das ordens políticas” (PROSS, 1989, p. 133). Por conseguinte, a mídia auxilia a consolidar as práticas mitológicas porque a audiência não está preocupada em distinguir entre o imaginado e o percebido, entre a imagem e a coisa e, assim, toma o símbolo pela coisa.

Esse cenário de ritos e símbolos leva a refletir sobre como a mídia trata a morte por meio de suas imagens que, no caso em estudo, recupera exponencialmente o sentido de *imago* abordado anteriormente. É importante lembrar que a configuração da morte em imagem ganha muita força justamente por tratar de um universal que é abstrato e, portanto, a imagem *morte* não tem um objeto “material” que a referencie diretamente, o mais próximo disso é o corpo morto. No entanto, nem sempre o que está em evidência é o corpo morto, na mídia uma linha divisória bem-marcada parece se estabelecer entre o ambiente da imaginação e o ambiente da informação.

No âmbito dos textos imaginativos como telenovelas, seriados e filmes a estratégia usada é a de evidenciação do corpo morto, configurando-o num simulacro. Os cadáveres são apresentados, na maioria das vezes, de forma escancarada com exposição de cadáveres e até sangue, vísceras, cortes, decepções, entre outros. Os cenários são variados para a atuação dos atores que simulam a morte, desde hospitais até ruas, necrotérios, lugares abandonados e campos de batalha. Tudo isso, para buscar a verossimilhança e dar um sentido de transparência e credibilidade à morte.

Entretanto, quando se trata de notícias, reportagens ou audiovisuais informativos, na maioria das vezes, o corpo morto é apagado e substituído por signos de contiguidade que personificam o óbito sem evidenciá-lo, mas que têm força de lei, ou seja, um espaço de potência

do simbólico – por exemplo, a cor preta (no ocidente) no vestuário, velórios, caixões, túmulos, cruzes, cortejos²¹. Em momento algum a mídia mostrou o corpo morto da rainha, o mais próximo disso foi o caixão lacrado que circulou pelo Reino Unido o tempo todo encoberto pelo estandarte real e por flores específicas solicitadas pela monarca; em determinados momentos foram acrescentados os símbolos da realeza – a coroa, o cetro e o obre – e um bilhete do rei Charles III. As reportagens fizeram questão de explicar os processos de “eternização” desse corpo físico, sepultado acima do solo em um caixão de chumbo²² revestido por carvalho inglês e hermeticamente fechado conforme a tradição da monarquia inglesa.

Por essa via, é importante considerar que as informações acerca da morte da rainha chegaram, àqueles que não estavam presencialmente no Reino Unido, exclusivamente por intermédio dos meios de comunicação (não exclusivamente pelo jornalismo, mas por todas as formas de produção e divulgação de conteúdos). Portanto, o papel da mídia foi fundamental para que o fato fosse conhecido e o tempo de vida dos espectadores, colonizado – como afirma Pross. Por seu lado, os produtores de conteúdo precisaram estar preparados antecipadamente para tanta repercussão sem data certa para ocorrer – talvez por esse motivo, as redações jornalísticas têm prontos previamente os obituários de pessoas famosas, para não serem pegas de surpresa e não levarem um furo. Ainda que a morte conte com uma boa cota de imprevisibilidade, algumas são mais esperadas que outras, sobretudo devido à idade da pessoas e/ou a doenças existentes. As notícias do estado de saúde da rainha Elizabeth II já circulavam na mídia há alguns dias quando veio o anúncio de seu falecimento. Como autoridade e celebridade, ela ocupou a capa de diversos jornais do mundo inteiro e as informações se multiplicaram, inclusive sobre sua vida pregressa e sobre detalhes da família real. Uma busca em sites jornalísticos, porém, logo permitiu perceber que as informações começaram a se repetir de forma exaustiva e detalhada.

Para tentar entender um pouco mais esse acontecimento midiático e o ritual de repetição (Pross) como consolidação da ordem, desenvolvemos uma pesquisa exploratória sobre as

²¹ Rosário observa que, além desses signos mais tradicionais, apresentam-se outros para representar a morte: escombros e entulhos, no caso de morte por desabamentos e catástrofes naturais; automóveis amassados e retorcidos, no caso de acidentes de trânsito; grande número de covas abertas, sacos pretos, cemitérios em plano geral, cruzes, pessoas vestidas com equipamento de proteção médica, no caso da pandemia de Covid-19. O texto está no livro **Corporalidades eletrônicas: comunicação do corpo em estudos midiáticos**. Porto Alegre: Imaginalis, 2021.

²² O chumbo preserva o corpo por mais tempo, evitando a entrada do ar e da umidade.

notícias decorrentes desse fato. Em buscadores da internet colocamos as seguintes palavras-chave: morte da Rainha Elizabeth II (aproximadamente 4.890.000 resultados); funeral da Rainha Elizabeth II (aproximadamente 1.360.000 resultados); *Queen Elizabeth at funeral* (aproximadamente 9.840.000 resultados); *death of the Queen Elizabeth II* (aproximadamente 75.500.000 resultados). O material foi coletado em portais de notícias, blogs, revistas, telejornais e vídeos do YouTube. Na impossibilidade óbvia de averiguar todo esse conjunto de documentos, a exploratória respeitou o ordenamento dado pelo buscador aos links que apareciam na tela, escolhemos, também, fontes mais confiáveis como os portais de notícias, mas não ignoramos totalmente outros conteúdos.

No material jornalístico coletado de portais de notícias, programas televisivos, blogs e vídeos do YouTube foi possível verificar que a tradução da morte da rainha Elizabeth II se deu de forma muito similar com a repetição dos dados básicos (o que, quando, onde, como e porque – do *lead* jornalístico), no entanto, nesse caso, os meios informativos reiteraram a idade da monarca, o tempos de seu reinado, dados sobre sua vida pregressa e o cronograma do evento. Para manter o fato em evidência, entretanto, a imprensa buscou o desdobramento da pauta principal em notícias sobre as condições financeiras da família real britânica, o custo do velório, o número de países com regime monárquico, a história da monarquia do Reino Unido, o número de militares que participaram das cerimônias²³, explicações sobre os uniformes desses militares, os cachorros da rainha, a composição do caixão, entre tantos outros.

O site Poder 360²⁴ reuniu 35 capas de jornais nacionais e internacionais que noticiaram a morte da soberana, dessas, 34 estampavam em destaque imagens da monarca. A difícil criatividade para simbolizar a morte, trouxe fotografias de Elizabeth II em duas temporalidades: em sua juventude (14) e nos últimos tempos de seu reinado (20). Vários retratos se repetiram, sobretudo um usado para divulgação em que ela, ainda jovem, é exibida com o manto real, a coroa e o cetro. O destaque criativo pode ser dado às 3 capas que trouxeram a imagem da rainha de costas, mas predominaram aquelas em que ela estava de perfil ou semiperfil (21) e de frente (10); em primeiro plano (17), com a coroa (21). Ela só apareceu sorrindo (mostrando os dentes elegantemente) em 5 imagens. A falta de criatividade também se mostrou na imagem escrita, com o predomínio de manchetes similares a “Rainha Elizabeth

²³ Para se ter uma ideia, foram mobilizados em torno de quatro mil membros das forças armadas para atuarem nas cerimônias, que duraram 12 dias.

²⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/veja-as-capas-dos-jornais-sobre-a-morte-da-rainha-elizabeth-2a/> Acessado em 20/out/2022. Acesso em setembro de 2022.

II 1926-2022”, ou chamadas que ressaltavam sua idade avançada. Os demais títulos usaram adjetivos para referir-se a ela como: inabalável, eterna, imponente, firme, dever, vida a serviço.

O que se pode perceber nesse espetáculo midiático que durou 11 dias foi uma comunicação altamente ritualizada, que se valeu da repetição, se pautou pela integração e homogeneização e cumpriu um conjunto de regras midiaticamente estabelecidas, devidamente observadas e com significados prescritos e partilhados. Por esse caminho, além de legitimar a monarquia, engrandecer o Reino Unido e operar sobre o imaginário, a mídia construiu, sobre o acontecimento, um evento mundial reproduzindo os símbolos regulares da morte e da realeza, consolidando tradições. Os supersímbolos geraram uma metarritualização.

Utilizando elementos do imaginário social foi possível transformar um funeral da monarquia em um acontecimento de interesse planetário, amplificando vigorosamente o número de pessoas que dele participaram. O ritual midiático se sobrepôs ao ritual de passagem de Elizabeth II. Pross (1980) defende que os meios eletrônicos (a mídia terciária) são transportadores técnicos de símbolos, sobretudo, ao transmitir a imagem, multiplicando sua capacidade de penetração. Ele observa que “(...) os meios de comunicação, obedientes à lei da economia das forças dominantes, substituem a força bruta (...) por esquemas simbólicos que representam e atualizam de uma forma mais barata, segura e rápida” (PROSS, 1980, p.124). É assim que conseguem produzir uma metarritualização que remete ao mítico e ao espetáculo por meio de esquemas simbólicos configurados pelo requinte da técnica, pelo refinamento do racional, e pela ativação da subjetividade.

4. O encontro de duas imagens e sua potência simbólica

Se levarmos em conta que a rainha já tinha idade avançada, que seu estado de saúde já tinha sido anunciado, que a maioria dos países do mundo não tem monarquia e que ela não se apresentava como uma celebridade extravagante e geradora de polêmicas, a sua morte não seria considerada **O** acontecimento. Todavia, como temos evidenciado, a perspectiva lógico-racional não é suficiente para explicar a surpreendente repercussão midiática que teve o fato.

Estão correlacionados a esse evento, pelo menos, dois complexos atravessados por conteúdos imaginários, simbólicos e de valor: morte e realeza. Como bem lembra Pross (1989, p.57): “O significado dos signos não está só no que designam; está também na possibilidade de fazer significativo o designado, em criar objetos a partir dos símbolos”. De acordo com Baudrillard (1996, p.181), o “simbólico [...] é um ato de troca e uma relação social que leva o

real ao fim, que resolve o real”. A morte é um dos grandes universais da raça humana, objeto de curiosidade devido à parca experiência que temos dela, gera sentidos de desconhecido, ruptura, dor, interrupção. A realeza, aciona um imaginário de descendência dos deuses, ser superior, sangue azul e significados relacionados a poder, autoridade, supremacia e excelência.

Para ampliar essa nossa perspectiva, é possível recorrer a Pross (1989) e ao que ele nomina como “experiências pré-predicativas”. Ao estudar a verticalização e horizontalização do mundo o autor defende que a morte é horizontal, com ela nossos corpos assumem uma posição que se opõe ao estar vivo e, portanto, à verticalidade. A perda da vertical, para o humano, é a perda da segurança, da força e da vida ativa. O medo e a falta de experiência sobre essa potência primitiva que nos leva a uma permanente horizontalidade, transformam o perecimento do corpo em evento traumático, gerador de insegurança, de temor e, ao mesmo tempo, de curiosidade. Para lidar com esse universal, os humanos procuram dar uma organização simbólica a ele, construindo formas de expressão consensuais, de maneira a gerar significações.

Assim, a morte assume a potência de rito de passagem inexorável, que tem o objetivo de, também, demarcar ciclos que organizam a cultura e a sociedade. Esses ritos de passagem, como os funerais, constituem uma zona intermediária, zonas de transição e, de acordo com Pross (1980), se configuram como um evento para desabilitar uma ordem e acessar outra – nesse caso abandonar as diretrizes da vida e entrar nas diretrizes da morte. Tais eventos são formatados e ritualizados de acordo com os princípios de cada cultura. Por exemplo, diferentemente das tradições inglesas que ocultam o cadáver, o Vaticano procede com singularidade nos funerais dos papas: sem caixão, o corpo é exposto com os trajes sacerdotais, durante três dias, para veneração²⁵.

Numa cultura como a nossa que, depois do óbito, multiplica as imagens do sujeito para memorizá-lo e imortalizá-lo, outras práticas passam despercebidas (ou são ignoradas). Em janeiro de 2023 fomos informados pela mídia sobre a tragédia com o povo Yanomami no Brasil que estava morrendo de desnutrição, malária e outras doenças decorrente da contaminação de seu território pelo garimpo ilegal. Entre as imagens que circularam estava a fotografia de uma mulher em estado precário de saúde recebendo atendimento médico, a qual veio a falecer dias depois. Sua fotografia continuou sendo divulgada com a informação do seu óbito, entretanto,

²⁵ Esse foi o procedimento com o papa emérito Bento XVI que faleceu em 31 de dezembro de 2021, bem como para o funeral de papas que faleceram anteriormente.

esse procedimento se contrapõe aos princípios do povo Yanomami: depois da morte, a imagem do falecido não pode mais circular, seu nome não é mais falado e seus pertences são queimados. Diferentemente dos brancos ocidentais, eles não preservam a imagem do morto, o funeral é um momento de intensa lembrança para acolher o esquecimento. Em artigo publicado no jornal El País em 2020, a antropóloga Sílvia Guimarães²⁶ explica que “Por meio do processo de “relembrar para esquecer”, a cerimônia funerária pretende destruir as marcas do morto, esquecê-lo, apagá-lo e, ao mesmo tempo, criar exaustivamente sua personalidade, a singularidade de sua corporalidade”. As imagens que eternizam, portanto, não são bem-vindas na cultura Yanomami e a divulgação da fotografia da indígena que faleceu levou a organização de saúde Yanomami Urihi a publicar um comunicado²⁷ explicando a situação e pedindo que as pessoas (brancas) parassem o compartilhamento.

Nessa perspectiva, é importante ter em mente que cada cultura tem o seu ritual fúnebre específico e que a *habituação* a determinados procedimentos pela repetição e regularidade leva à sua consolidação. Todas as cerimônias, à sua maneira, evidenciam a transição da vida para a morte, afirmam a separação entre o vivo e o morto e buscam uma forma de elaboração do luto, porém, os métodos se diferenciam. Para o mundo ocidental branco, é possível interpretar que, não fazendo mais parte desse mundo, os mortos podem apenas ter existência por meio de imagens (fotografias, vídeos, memórias, pertences, homenagens etc.) produzidas por eles e para eles e, desse modo, as imagens se tornam uma matriz eficaz para perpetuar existências.

Todavia, cada cerimônia fúnebre põe em relevo singularidades que são indicadoras, entre outros, da classe econômica, do reconhecimento social, do status profissional e do número de admiradores do falecido. A relação entre os procedimentos de sepultamento e o nível de valorização cultural do morto determinam também a escala de importância midiática e a repercussão do acontecido. Essa relação determina, ainda, o tempo que o cadáver fica à disposição dos vivos para despedida e veneração, o espaço escolhido para a visita ao caixão, o percurso entre o velório e o sepultamento, além de outros índices de valor como o número e a qualidade das coroas de flores, o número de participantes da cerimônia, o número de notícias e comentários circulantes. A valorização cultural da monarca do Reino Unido mostrou uma

²⁶ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/o-drama-ritual-da-morte-para-os-sanoma.html>. Acesso em dez 2022.

²⁷ Disponível em <https://www.poder360.com.br/midia/mulher-yanomami-que-aparece-em-fotos-morreu-de-desnutricao/>. Acesso em dez 2022.

distinção bastante expressiva, por exemplo: o corpo passou por 3 cidades, 5 castelos, 1 abadia, 1 catedral e 1 capela; foram 11 dias de cerimônias fúnebres; 4 dias de visitação pública, onde estiveram cerca de 250 mil pessoas que enfrentaram até 8 horas de fila; 2 mil autoridades convidadas; milhões de flores, cartões e lembranças deixadas para a monarca em frente aos palácios e em parques.

A potência simbólica da realeza, por seu turno, evidencia a curiosidade voyeurística dos “mortais” atravessada por um rico imaginário popular. Conforme Burke (1994), o rei ou a rainha se constituem numa figura pública conscientemente construída, que se utiliza de estratégias de comunicação – mais propriamente, estratégias de marketing — bastante planejadas e consolidadas para que seu poder seja mantido. Dessa forma, o que mais interessa não é a pessoa, mas a imagem produzida, o mito, o ritual e, nessa via, a tradução do evento e não o evento em si.

Nesses simulacros cheios de teatralidade, o/a monarca precisa desempenhar uma performance minuciosamente programada que se distancie do comportamento dos “mortais” a fim de marcar as diferenças e as hierarquias. Também é necessário evidenciar sua presença, mostrar-se ao público para legitimar seus poderes e, uma excelente tática, é reproduzir-se em imagens. Por outras palavras, o/a soberano/a precisa ser multimídia. Não é primordial estar no meio do povo, mas ser visto, ouvido e lembrado pelos súditos, garantindo o sucesso de sua imagem, que será tanto maior quanto mais forte forem os sentidos de sacralidade associados às suas aparições. Afinal, não se trata de um homem ou de uma mulher, se trata de uma entidade.

A aura de sacralidade se cerca de interpretantes míticos e simbólicos que sustentam a divinização, sendo um deles o imaginário de que o rei ou a rainha são escolhidos por Deus. Para alcançar esses significados, a realeza se vale de dispositivos cênicos que assegurem o sucesso das ritualidades, da sua aparição, bem como enalteça a pompa e a magnificência. Desse modo, por meio dos cenários cuidadosamente montados, da dramatização, da sacralidade e da construção da imagem, o/a soberano/a engendra dois corpos, o humano e o mítico, (KANTOROWICK, 1998) e é esse último que lhe garante a eternidade. Pode-se pensar, por conseguinte, que o funeral de Elizabeth II não foi programado para marcar um processo de luto e despedida, mas para destacar a imortalidade da monarquia.

Na sociedade moderna, os rituais fúnebres começam a adquirir um caráter de afastamento entre a morte e a vida cotidiana com cerimônias rápidas, cuidados dos corpos entregue às funerárias, entre outros. Contudo, no que se refere à realeza do Reino Unido, assim

como às grandes celebridades, o cenário é diferente. Planejado com muita antecedência, o funeral de Elizabeth II foi parte da operação *London Bridge*²⁸ e contou com a participação da própria rainha em toda a sua concepção. O evento foi organizado a partir de uma tradição secular da cultura britânica, com escolhas minuciosas e protocolos rígidos.

De acordo com Pross (1989), é próprio das monarquias exaltarem a ordem básica de seus símbolos por meio de rituais religiosos ou profanos, destacando o tempo de vida e a duração das dinastias. Isso enfatiza a importância das tantas cerimônias que cercaram o funeral de Elizabeth II, configurando estratégias de legitimação, credibilidade e reforço de imagem, afinal não se trata da morte da rainha, mas da vida longa (eterna) da monarquia. Pross (1980) também dá pistas para pensar o evento como a “duração da ordem” por meio da repetição e regularidade dos atos que compuseram todo o ritual e, nessa via, ajudaram a deter qualquer mudança, geraram confiança e, ao mesmo tempo, alimentaram as subjetividades. Por isso, a presença em peso das forças armadas em todas as cerimônias, a exigência do vestuário preto para todos os/as convidados/as, o cortejo pelas ruas com carruagens, cavalos, banda, *red coats* e familiares que tinham que dar 75 passos em 1 minutos para cumprir o protocolo²⁹. Conforme já observamos, mais do que o caixão, as imagens se ocuparam em mostrar os símbolos da realeza: o estandarte demonstrando a força do estado, a coroa (uma joia com quase 3 mil pedras entre diamantes, pérolas, safiras, esmeraldas e rubis) signo da riqueza e do status, o cetro de ouro e pedras preciosas associado ao poder e à boa governança e o obre, uma esfera com uma cruz em cima, que simboliza o poder divino, o monarca como representante de Deus na Terra.

5. Massas virtuais e a economia dos megaeventos midiáticos

Em consonância com a “economia do sinal” proposta por Pross na década de 1970 (e inegavelmente lembrando a frase de Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista de 1848, anunciando “as comunicações infinitamente facilitadas”), Nick Couldry e Ulises Mejias (2019) demonstram o enorme potencial econômico das formas expandidas de conexão e de distribuição de “imagens, palavras, orientações e ações”³⁰. Assim declaram Couldry e Mejias:

²⁸ Segundo o blog da cultura inglesa (<https://culturainglesamg.com.br/blog/5-coisas-que-voce-provavelmente-nao-sabia-sobre-os-funerais-da-familia-real/>) o príncipe Philip, para o mesmo fim, ajudou a planejar a operação *Forth Bridge*.

²⁹ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62926738>. Acesso em novembro de 2022.

³⁰ Aby Warburg estruturou sua Biblioteca de Ciências da Cultura em quatro andares, cada um dedicado a um ambiente da cultura humana: 1) imagem 2) palavra 3) orientação 4) ação.

As atuais infraestruturas tecnológicas de conexão são variadas. Elas incluem plataformas digitais, como Facebook e Alibaba, com as quais estamos familiarizados, além de toda a massa de intranets corporativas e quaisquer interfaces detalhadas para vincular pessoas, coisas e processos para transferência de dados. As infraestruturas de conexão permitem que o colonialismo de dados seja mais sutil do que o colonialismo histórico na forma como se apropria de recursos. O colonialismo histórico apropriou-se de territórios e corpos através de extrema violência física. O colonialismo de dados funciona por meio de tipos distintos de força, que garantem a conformidade com sistemas interligados de extração na vida cotidiana. Esses sistemas são tantos e, em conjunto, tão abrangentes, que correm o risco de governar os seres humanos de maneira tão absoluta quanto o fez o colonialismo histórico (COLDRY; MEJIAS, 2029, p. 8, tradução nossa).³¹

No entanto, o que significa o colonialismo de dados ou “dataísmo”? Extrair os dados, como isto se transforma em “engolir a existência” de bilhões de pessoas? Questões que estimulam mais aprofundamento no ambiente da comunicação.

Nesse artigo, nosso intuito foi tratar dos ambientes de imagem, mídia e potências simbólicas por meio do estudo do funeral da rainha Elizabeth II. Esse evento de repercussão planetária é a materialização de um modo de colonização de dados que tem na mídia terciária o seu maior operador, o qual, por meio de ritualizações, agencia significações, legitimações, ordenamento e regulação. Essa reflexão permitiu, também, experienciarmos as imagens devorando o tempo precioso de vida de metade do planeta, transformada em massa virtual, como se não fôssemos capazes de escapar dos conteúdos produzidos sobre esse acontecimento e todos os seus desdobramentos. A massa virtual, uma forma de sociabilidade gerada pelos meios terciários, é assim entendida por Gunter Gebauer e Sven Rückert:

Uma análise diferenciada da formação de massas na era da nova mídia mostra que a massa real e a massa virtual não constituem uma oposição. Ambas muito mais se complementam; o que importa é reconhecer sua complexa complementaridade. (GEBAUER; RÜCKERT, 2019, p. 226, tradução nossa).³²

³¹ *Today's technological infrastructure of connection are varied. They include digital platforms such as Facebook and Alibaba that we are familiar with, the whole mass of corporate intranets, and any detailed interfaces for kinking up persons, things and processes for data transfer. Infrastructures of connection enable data colonialism to be more subtle than historical colonialism in how it appropriates resources. Historical colonialism appropriated territories and bodies through extreme physical violence. Data colonialism works through distinctive kinds of force that ensure compliance within interlocking systems of extraction in everyday life. These systems are so many and, taken together, so encompassing that they risk governing human beings in just as absolute a way as historical colonialism did.” (COLDRY; MEJIAS, 2019, p. 8).*

³² *“Eine differenzierte Analyse der Massenbildung im Zeitalter der neuen Medien zeigt, dass virtuelle und reale Masse keinen ausschliessenden Gegensatz bilden. Beide ergänzen sich vielmehr; es kommt darauf an, ihr komplexes Zusammenspiel zu erkennen.” (Gebauer/Rückert, 2019:226)*

Nesse sentido, os autores esclarecem que: “Na nova mídia parecem retornar, acima de tudo, as faces negativas da massa – isolamento, contaminação, anonimidade. (...) Os novos fenômenos de massa são apenas um *update*, uma versão atualizada da velha massa regressiva.” (Idem p.225, *tradução nossa*)³³. Ao nos depararmos com um evento como o que estamos estudando, não é possível ignorar a formação de um novo tipo de massa, que, como observam Gebauer e Rückert, ainda carrega traços das massas que antecederam a internet.

A morte da soberana do Reino Unido foi um banquete para os devoradores de devoradores de imagens, para a mídia mundial. Vale-se da potência simbólica para praticar sua violência, conforme explica Pross (1980 e 1989) e, portanto, ao transformar meio planeta em massa virtual, não permite a digestão, isto é, a devida assimilação, compreensão e entendimento, alimentando a regressão a estágios pré-rationais.

Se as imagens que nos devoram se interpõem entre nosso imaginário e nossa subjetividade, o que o espectador sente ao consumir a morte espetacularizada da rainha pode ser uma maneira de isentá-lo do confronto com o inexplicável e com o sofrimento, de modo que as imagens se tornam acionadoras de uma transmutação da vida em simulacro, permitindo o apagamento do enigma da morte pela evocação de uma “eternidade imagética”, atributo dos deuses e das majestades.

Referências

BAITELLO JÚNIOR, Norval. De onde vem o poder das imagens que invadem nossas casas e nossos corpos. In: GIANNETTI, Claudia (ed.). **Ecologia da imagem dos media**. Arte e tecnologia: práticas e estéticas. Évora - Portugal: Editora Licorne, 2017.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa/Portugal: Relógio D'Água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean.. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

BENJAMIN, Walter. “Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit”. In **Gesammelte Schriften I . 2**. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1980.

BOORSTIN, Daniel J. (2012) **The Image. A Guide to Pseudo-events in America**. New York: Vintage Books, 2012.

³³ “In den neuen Medien scheinen vor allem die negative Seite der Masse -Isolation, Ansteckung, Anonymität – wiederzukehren.(...) Die neuen Massenphänomene sind nur ein update, eine aktualisierte Version der alten regressiven Masse.” (Gebauer/Rückert, 2019:225).

BURKE, Peter. **A fabricação do rei**. A construção da imagem pública de Luis XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

COULDRY, Nick & MEJIAS, Ulises A. **The Costs of Connection: How Data is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism**. Stanford: Stanford U.P., 2019

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contracampo, 1997.

DEBRAY, Régis. Vida y muerte de la imagen. Historia de la mirada en occidente. Barcelona: Paidós, 1994.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GEBAUER, Gunter; RÜCKER, Sven. *Vom Sog der Massen und der neuen Macht der Einzelnen*. München: DVA, 2019.

KAMPER, Dietmar. “Bild” In: Wulf, Ch. (Ed.) *Vom Menschen*. Basel: Beltz, 1997.

KAMPER, Dietmar. **Bildstörungen**. Stuttgart: Cantz, 1994.

KAMPER, Dietmar. Imagem. In: **Cosmo, Corpo, Cultura**. Enciclopedia Antropologica. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Italia. 2002. Disponível em: www.cisc.org.br/biblioteca. Acesso em 13/10/2022.

KANTOROWICK, Ernest. **Os dois corpos do rei**: um estudo sobre teologia política medieval. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

KLENK, Domini. “*Gegenwartsverlust*” in *der Kommunikationsgesellschaft*. Münster: Lit. , 1998.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona: Gustavo Gili S.A., 1980.

PROSS, Harry. **La violencia de los símbolos sociales**. Barcelona: Antropos, 1989.

SODRÉ, Muniz. Mídia, espetáculo e grotesco. **Chasqui**. Revista Latinamericana de Comunicación, Equador, CIESPAL, nº130, p. 17-27, dez 2015 – março, 2016.